

EMANUEL VARGAS DA SILVA

O football na minha TV: a história da Premier League na televisão brasileira

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2021

EMANUEL VARGAS DA SILVA

O football na minha TV: a história da Premier League na televisão brasileira

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Joaquim Sucena Lannes

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2021

RESUMO

O livro “*O football na minha TV: a história da Premier League na televisão brasileira*” é um projeto experimental produzido na disciplina COM 490 - Trabalho de Conclusão II, como Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O objetivo deste livro é contar a história da relação entre a *Premier League* e os brasileiros fanáticos por futebol, tudo sob a ótica da transmissão esportiva como principal catalisadora dessa paixão dos brasileiros pelo campeonato nacional de futebol da Inglaterra. O livro desenvolvido neste trabalho, além de contar a história da transmissão da *Premier League* no Brasil, vai mostrar também a relação que os profissionais da imprensa brasileira têm com a liga, por meio de relatos, memórias e experiências.

PALAVRAS-CHAVE

Premier League; jornalismo esportivo; TV brasileira.

ABSTRACT

The book “*O football na minha TV: a história da Premier League na televisão brasileira*” is an experimental project produced in the discipline COM 490 - Completion Work II, as A Work of Completion of the Course of the Social Communication Course - Journalism of the Federal University of Viçosa. The purpose of this book is to tell the story about the relationship between the Premier League and the brazilian football fanatics, all of that considering the sports broadcasting as the main catalyst of this brazilian passion for english football championship. The book developed in this work, besides telling the Premier League’s broadcasting in Brazil history, will also show the relationship that the brazilian press professionals have with the league, through reports, memories and experiences.

KEY-WORDS

Premier League; sports journalism; brazilian TV.

SUMÁRIO

1. AGRADECIMENTOS	05
2. INTRODUÇÃO	07
3. REFERENCIAL TEÓRICO	09
3.1. O que é jornalismo literário.....	09
3.2. As origens do Livro-Reportagem no Brasil.....	10
3.3. Novo jornalismo e os livros-reportagem nacionais contemporâneos.....	15
3.4. O jornalismo esportivo no Brasil.....	17
3.4.1. A era da rádio.....	19
3.4.2. A era da TV.....	20
3.5. Uma breve introdução sobre o que é a <i>Premier League</i>	22
4. RELATÓRIO TÉCNICO	25
4.1. Pré-produção.....	25
4.2. Produção.....	26
4.2.1. Listagem dos entrevistados, justificativas e datas das entrevistas.....	28
4.3. Pós-produção.....	29
4.4. Descrição do produto.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1. AGRADECIMENTOS

Na vida nós tentamos fugir de muitas coisas e talvez a que mais tentamos nos esquivar é o clichê. Mas se todo ser humano é falho, com o clichê, continuamos sendo. Não é possível chegar aos agradecimentos nesta conclusão do projeto experimental sem agradecer a quem esteve comigo durante toda essa jornada. Além dos colegas e amigos de faculdade, pelos quais já peço desculpas, porque sei que me aguentar por quatro anos e meio não é fácil, outras pessoas e grupos específicos também merecem suas devidas atenções.

Em primeiro lugar, sempre ela, de maneira clichê: a família. Preciso agradecer e dizer obrigado, além do que já a disse pessoalmente, à minha mãe, a professora Luiza Vargas. Trago junto a profissão porque o que esta mulher já fez pela educação brasileira, não está escrito. Ainda não. Além dela, tenho que agradecer também a quem, talvez, foi o principal responsável por essa escolha de tema, meu pai. Foi o Pedro Roberto, mais conhecido como Beto, que me fez ser apaixonado por futebol desde pequeno, ainda que o Vasco que ele tanto ama não tenha contribuído tanto assim. Mas de certo, muito aprendi com essa relação que em certos termos pode até ser chamada de abusiva, em tons brandos. Além desses dois, também quero agradecer ao meu irmão Pedro Mário, que sempre me ajudou e esteve comigo, mesmo que de longe. Quando escrevo esse agradecimento, paro pra pensar que basicamente vivemos mais tempo longe um do outro, do que perto, algo que ainda será assim por mais uns bons anos. Mas já sabemos lidar.

Agradeço exclusivamente aos meus amigos de internet, aos mais antigos, da época do Orkut e também do falecido site Toca e Passa, que até hoje me acompanham nessa caminhada, sempre com muito bom humor e histórias, algo que em momentos de pandemia são fundamentais. Falando no período pandêmico, não posso deixar de mencionar os colegas e os amigos – que não vou citar nominalmente, mas eles sabem que aqui estão inclusos – que arranjei pelo Twitter, outra rede social fundamental para este processo do trabalho de conclusão. Nominalmente, agradeço a Lucas Moreira e Rafael Prado, meus amigos da época do Orkut, que há 12 anos me aturam a distância e sempre ouvem minhas palhaçadas e lamentos. Sou grato também pelos amigos de Itaperuna, que nunca deixaram de se importar comigo.

Para o tema do livro, preciso agradecer a todos os integrantes da redação do site Premier League Brasil, que foram parte fundamental nesse meu processo de escolha de tema e de crescimento profissional dentro do tema. Especialmente, queria deixar minhas

considerações e agradecimentos ao Julio Puiati e ao Pedro Ramos, que em determinados momentos, me ajudaram bastante na confecção do livro. Como dizemos, a ‘firma é gigante!’.

Preciso também agradecer ao professor Joaquim Lannes, meu orientador, que nunca se opôs a nenhuma ideia, sempre dando sugestões pertinentes para a confecção do livro, e nunca se ausentou também, mesmo durante um período de internação por conta da Covid-19, algo que até me surpreendeu. Jamais esquecerei. Obrigado, professor.

Além desses já citados, necessito também agradecer a todas as fontes com quem falei durante o caminho. Foi incrível ter contato com pessoas que eu assisto pela TV desde a minha infância ou que hoje, semanalmente, escuto em podcasts ou em transmissões de futebol, como a Premier League e a Champions League. São pessoas que sempre foram espelhos profissionais pra mim e que, com o TCC, passei a enxergar ainda mais de outra forma. Como é bom ver que suas referências profissionais também são ótimas referências de ser humano.

Finalmente, agradeço a todos com quem cruzei durante a minha graduação, especialmente aqueles que dividi tempo, espaço, ideias, discussões, risadas e tristezas nas casas 42 e 43 da Vila Gianetti, na Fratevi, e também na última sala a direita da varanda do DCM, na nossa sede da querida laranjinha Intermídia. Meu mais sincero obrigado a todos e principalmente à Carla Luz, minha companheira de TCC I e II durante a pandemia.

2. INTRODUÇÃO

Desde criança, o futebol foi sempre uma de minhas paixões. Ao longo do tempo, o desejo de falar sobre ele crescia cada vez mais, sempre motivado por programas de jornalismo na TV e pelas partidas, principalmente as dos campeonatos internacionais.

Agora, no momento de conclusão do Curso de Jornalismo, a decisão sobre o tema para meu projeto final não poderia ser mais óbvia, dado os interesses pessoais: falar sobre TV e futebol internacional, algo que sempre gostei e naturalmente acompanho. Mas ainda assim, esse recorte é imenso e pode ser trabalhado de diversas maneiras com outras angulações. Por isso, o foco é a produção de um livro-reportagem sobre a história da transmissão esportiva da *Premier League* no Brasil.

A *Premier League* nada mais é do que o campeonato de futebol da primeira divisão da Inglaterra, que a partir de 1992 sofreu diversas mudanças se tornando o campeonato esportivo regular mais assistido em todo o planeta. Para se tornar uma competição de grande interesse mundial, as emissoras de televisão tiveram papel fundamental. Elas eram e ainda são, as responsáveis pelo pagamento de fortunas para adquirirem os direitos de transmissão. Na última rodada de vendas dos direitos da competição, que compreende as temporadas entre 2019 e 2022, os valores para o mercado do Reino Unido diminuíram, mas para as emissoras estrangeiras o valor subiu em 30%.

Diante disso, a opção pelo formato de livro-reportagem se baseia na definição de Edvaldo Pereira Lima (1993), que diz que o livro-reportagem “amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e televisão”. Com isso em mente, a escolha pelo formato se dá como forma de levar a *Premier League* como personagem principal e assim trabalhar a sua história na televisão brasileira, trazendo personagens que participaram e participam da construção desse relacionamento tão bem-sucedido entre o Brasil e a *Premier League* inglesa. A participação desses personagens, em grande maioria jornalistas das mais diversas funções, como repórteres, comentaristas esportivos, narradores e correspondentes, será por meio de entrevistas, para que o conteúdo seja cada vez mais ilustrado e fidedigno, já que “o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso” (WOLFE, 2005).

Mesmo sendo consumida diariamente pelo torcedor brasileiro, seja em pequenas reportagens nos canais esportivos ou nas partidas da competição, a história da transmissão da *Premier League* no Brasil ainda não está organizada como deveria, tendo apenas informações

soltas, sem uma linearidade definida e sem o aprofundamento necessário. Por isso, seguindo o pensamento de Edvaldo Pereira Lima (1993), no qual ele afirma que o livro-reportagem “penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos ou periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade”, o projeto livro-reportagem *O football na minha TV: a história da Premier League na televisão brasileira* pretende mostrar os bastidores e contar a história da chegada da liga de futebol mais rentável e mais assistida do mundo em terras brasileiras.

Neste projeto buscamos desenvolver, responder e aprofundar mais sobre diversos questionamentos, dentre os quais posso citar alguns, como: “Quando a *Premier League* chegou à TV brasileira?”; “Quais são os índices de audiência da competição e sua importância para as emissoras?”; “Qual o caminho que a competição teve no Brasil?”; “Qual a relação dos profissionais que trabalham nas transmissões das partidas da *Premier League* para o Brasil.”

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. O que é jornalismo literário?

O jornalismo literário não significa apenas o rompimento com as estruturas das redações jornalísticas ou trabalhar a literatura com todas as suas liberdades textuais (PENA, 2007). Segundo o mesmo autor, o jornalismo literário “significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.” A essas sete características, Felipe Pena atribui a alcunha de “estrela de sete pontas”.

Com o uso dessas características para a escrita do texto jornalístico literário, o jornalismo passou a ganhar aspectos que deixam a leitura do acontecimento mais envolvente, já que a reconstrução detalhada dos fatos e o aprofundamento do contexto na qual a história acontece permitem que o leitor se encontre imerso na publicação, isso quando o texto é bem escrito. Isso tudo, é claro, sem deixar os preceitos básicos do jornalismo de lado, como a apuração.

Os gêneros literários sempre foram motivo de discussão e estudo entre os intelectuais e a partir da segunda metade do século XX, os gêneros textuais jornalísticos também passaram a ser. Dentro dessa discussão, diferentes pontos de vista são mais que comuns, o que em muitas ocasiões impossibilita que haja consenso sobre alguns pontos. Para Felipe Pena (2007), o jornalismo literário atua como um guarda-chuva, que abriga outros subgêneros. Dentro dessa alçada do jornalismo literário, se encontrariam: a classificação de quem entende que o jornalismo literário trata-se do período histórico quando os escritores de literatura assumiram papéis em veículos de imprensa, principalmente no século XIX; a classificação de quem entende que o jornalismo literário se trata de quando os jornalistas escreviam sobre obras literárias; a classificação de que o jornalismo literário se relaciona com o movimento do *new journalism*, que ocorreu nos anos de 1960, nos Estados Unidos; por último, a classificação que trata o jornalismo literário como o gênero de obras biográficas, romances-reportagens e ficções jornalísticas.

Assim, defino jornalismo literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma

verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2007, p. 56)

3.2. As origens do Livro-Reportagem no Brasil

Livros com caráter jornalístico não foram novidades apenas no século XX, quando o *New Journalism* nasceu e se consagrou nos Estados Unidos, tendo a junção da literatura e da notícia numa única obra. Ainda no século XVI, após o surgimento da prensa, já era possível identificar livros com caráter noticioso. Segundo J. Sousa (2008), esse tipo de livro pode ser caracterizado como um “novo fenômeno pré-jornalístico”, que buscava informar às pessoas sobre o que acontecia em sua zona de interesse. Isso tudo em um período onde o jornalismo e a literatura ainda não tinham seus limites demarcados.

Em solo brasileiro, diversos foram os livros no século XIX, principalmente os romances, que buscaram retratar a recém-formada sociedade brasileira, uma vez que o país tinha se tornado independente ainda neste século em questão. Ainda assim, esses romances não tinham caráter jornalístico e informativo de fato, ainda que fossem baseados no cotidiano.

O primeiro grande trabalho de reportagem - ainda que não fosse conhecida assim à época - em solo brasileiro aconteceu no fim do século XIX com Euclides da Cunha. Segundo Morais (2004), o Brasil já conhecia um modelo intermediário entre a literatura e a reportagem por conta de Euclides da Cunha e sua obra “Os Sertões”, num momento em que a reportagem ainda não tinha aparecido como um novo gênero jornalístico e que no Brasil nem se sonhava em estudar jornalismo, já que a primeira faculdade da área foi fundada apenas em 16 de maio de 1947.

Em 1897, o jornalista e escritor Euclides da Cunha foi enviado como correspondente pelo *O Estado de S. Paulo* para cobrir a Guerra de Canudos. O grande diferencial de Euclides era a sua imersão na história que contava e a riqueza de detalhes que conseguia levar ao leitor, em cartas que eram enviadas ao *O Estado de S. Paulo* e depois publicadas no periódico. Esse conjunto de crônicas de Euclides da Cunha se tornou o livro “Os Sertões”, um dos maiores clássicos da literatura brasileira e que já foi traduzido para diversos outros idiomas. Segundo Lima (1995), ainda que à época “Os Sertões” não tivesse um gênero literário definido, sua importância para a pavimentação do caminho do livro-reportagem no Brasil foi fundamental.

Não importa muito, do ponto de vista da observação de um processo no tempo histórico, que Os Sertões não sejam um livro-reportagem no sentido estrito do termo.

Importa que tenha exibido algumas importantes possibilidades do tratamento jornalístico. Importa que, por analogia de raciocínio, tenha estado para o futuro desenvolvimento do livro-reportagem no Brasil assim como, digamos, por quem os sinos dobram, tenha estado como estímulo para o jornalismo literário americano dos anos 40 ou 50. (LIMA,1995, p.163)

Outro nome importante para a consolidação das obras jornalísticas literárias no país foi o de João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido sob o pseudônimo de João do Rio. Quando novo, esse jornalista e escritor carioca era considerado um prodígio. Assim que atingiu a maioridade, João Paulo Alberto foi conquistando cada vez mais espaço nos veículos de imprensa da até então capital do país.

Segundo Morais (2004), o principal diferencial de João do Rio era que além de se basear em entrevistas, ele também fazia uma investigação minuciosa dos fatos, o que fazia com que a verdade fosse sempre regra em seus escritos. Foi assim que João do Rio contou detalhadamente as transformações da capital fluminense no início do século XX, principalmente entre os anos de 1900 e 1920, sempre com descrições paisagísticas daquela cidade que seria conhecida posteriormente por todo o planeta como maravilhosa. Já naquela época, João do Rio relatava em suas crônicas a falta de presença do Estado nas recém criadas “favelas”, que começaram a surgir desenfreadamente no distrito federal após a reforma urbana de Pereira Passos. Esse olhar de João do Rio que ia além do fato e instigava o pensamento crítico dos leitores já era considerado bastante disruptivo para à época, assim como toda a sua trajetória jornalística e literária.

João Paulo Alberto Coelho Barreto observa a dinâmica da cidade e a modernização das instalações gráficas. Percebe a necessidade de um estilo mais ágil para falar da realidade que o cerca. Sai em busca da notícia nas ruas, nos teatros, nos corredores da Câmara e nos salões. Introduce a crônica-reportagem na imprensa brasileira. (PEIXOTO, 2001, p. 14)

Após esse auge no início do século XX, a reportagem no Brasil pouco evoluiu até o fim da Segunda Guerra Mundial. Segundo Lima (1995), seriam duas as razões para que esse gênero jornalístico não tivesse mantido sua perspectiva de evolução.

Uma delas era a forte presença dos livros da 2ª fase do modernismo da literatura brasileira. Encabeçados pelo alagoano Graciliano Ramos, a geração de 30 que ainda contava com outros autores como Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz foi um sucesso no país, levando temas regionalistas e nacionalistas, dentre as quais as principais obras podemos

citar *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, e *Capitães de Areia* (1937), de Jorge Amado.

A outra razão sugerida por Lima (1995) como uma das responsáveis pela estagnação do gênero da reportagem no *Brasil é a Era Vargas*, que compreendia entre os anos de 1930 e 1945, pelos quais o Brasil foi governado por Getúlio Vargas. Ao assumir a presidência da república após uma cisão entre as oligarquias que compartilhavam o comando do país, Getúlio Vargas sempre manteve um clima de vigilância sobre a atividade da imprensa e uma relação conflituosa com os periódicos. Em meados da década de 1930, os principais órgãos de imprensa do país, principalmente os da capital federal, eram contra o governo de Getúlio. No entanto, foi durante o Estado Novo, período que durou entre 1937 e 1945, que Getúlio Vargas institucionalizou sua má relação com a imprensa. Na constituição promulgada em 1937, a liberdade de expressão foi nominalmente mantida, mas passou a ser acompanhada pela censura prévia à jornais, peças teatrais e radiodifusão. Ainda no período do Estado Novo, os veículos de imprensa passaram a ter caráter de utilidade pública, o que permitia ao governo divulgar comunicados em todos os jornais do país, por exemplo. Além disso, em dezembro de 1939 foi criado o Departamento de Imprensa e Publicidade (DIP), que tinha como alguns de seus objetivos a aplicação da censura à imprensa, à radiodifusão, ao teatro, ao cinema, às funções recreativas e esportivas e à literatura social e política.

A imprensa desempenhou as tarefas que lhe foram atribuídas sem nenhuma independência. Em São Paulo, os jornais liberais, que tiveram importante atuação política sobretudo a partir dos anos 20, foram praticamente silenciados e tiveram que aceitar em suas redações elementos nomeados pelo governo para vigiá-los. (CAPELATO, p. 175)

Tanto a Era Vargas quanto a presença da 2ª fase do modernismo literário brasileiro contribuíram para a estagnação do gênero da reportagem no Brasil, que só voltaria a aparecer forte no cenário nacional após o fim do governo de Getúlio e o fim da Segunda Guerra Mundial. A partir da década de 1950, as reportagens detalhadas e extensas voltaram a fazer parte do cotidiano brasileiro, assim como era no início do século XX.

O principal veículo responsável por devolver ao brasileiro o prazer de ler grandes reportagens foi a primeira revista semanal do país: *O Cruzeiro*. A publicação tinha sido criada em novembro de 1928 e fazia parte dos *Diários e Emissoras Associados*, um conglomerado de

veículos de imprensa fundado por Assis Chateaubriand. A proposta da revista era levar um conteúdo moderno e bem diverso, com matérias sobre política, cotidiano, esportes, contos e moda, entre outros. Segundo Gabriela Morais, em *Livro-reportagem: amalhando experiências para contar uma história*. “a maior liberdade de imprensa contribuiu para que a publicação começasse a cair no gosto do público em todo o Brasil.” Ainda segundo ela, “a circulação do periódico era nacional, isso fez com que apenas na década de 1950 ela atingisse a tiragem de mais de 850 mil exemplares.”

De qualquer modo, a revista vivia uma inovação nunca antes vista, promovia mudanças que valorizavam a notícia e as fotos, que passou a corresponder a 75% da publicação. Muitas matérias de Manzon realizadas em sua experiência internacional foram refeitas em *O Cruzeiro*, inaugurando o novo formato. A grande reportagem de caráter investigativo virava a sensação da revista e se instituiu o uso das agências de notícias internacionais, sobretudo dos Estados Unidos, sendo comum aparecer a partir daí o aviso “Exclusivo para *O Cruzeiro*”. (GRISOLIO, 2014, p. 488)

Apesar do sucesso, a índole ética e jornalística da revista não era um primor e nem de perto era o que se espera de um clássico jornalista em sua mais pura essência. Com diversas duplas de jornalistas dentro de sua equipe, quem mais se destacavam com a falta de ética eram Jean Manzon e David Nasser. Manzon era um renomado repórter fotográfico francês que trabalhava para as revistas *Paris Soir* e *Match*. Quando os nazistas invadiram a França, Manzon fugiu e resolveu se fixar no Brasil, depois de ter passado pelo Reino Unido. Já David Nasser, foi um dos principais jornalistas do país na década de 1940 e 1950, com um texto leve e muito bem escrito. Depois de passagem pelo *O Globo*, de propriedade do jornalista Roberto Marinho, Nasser se juntou a Manzon na revista *O Cruzeiro* para consolidar o processo de modernização da publicação.

Juntos, Manzon e Nasser produziram diversas matérias polêmicas e mentirosas para a revista. Um dos casos mais notórios foi sobre a visita a aldeia Xavante. Nasser escreveu uma reportagem extensa e detalhada sobre como foi ter fotografado e conhecido os índios daquela tribo, que pela primeira vez teriam suas imagens registradas. A matéria publicada no dia 24 de junho de 1944 teve 26 fotos ao longo de 20 páginas e foi vendida para diversas publicações estrangeiras, como a revista *Life*. No entanto, a dupla nunca esteve com nenhum índio Xavante. O material apenas tinha sido aproveitado de um filme do governo, mais precisamente do Departamento de Imprensa e Propaganda, onde Manzon tinha trabalhado até 1943.

“As grandes reportagens que transformam estes repórteres em heróis muitas vezes não apenas misturam realidade e sonho, como são produto de ficção, como na série de

matérias sobre a Amazônia, publicada a partir de janeiro de 1944, em que os autores David Nasser e Jean Manzon afirmam ter passado 43 dias na selva, o que mais tarde o próprio diretor da revista Accioly Neto, desmente: “ao que consta a série “amazônica” foi feita no Rio mesmo, com jacarés do Jardim Zoológico, na Quinta da Boa Vista, e ‘garimpeiros’ de um acampamento da construção civil, na Barra da Tijuca, tudo bem planejado e produzido por Jean Manzon, que era um esteta e, como tal, achava que a realidade devia ser transformada em obra de arte, para agradar o público.” (SILVA, 2004, p. 46)

Com o passar do tempo, as táticas utilizadas pela revista *O Cruzeiro* para cativar o público foram se mostrando ultrapassadas. As revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos*, ambas da Bloch Editora, foram responsáveis por acelerar o processo de declínio de *O Cruzeiro*. Com a decadência da publicação da editora de Assis Chateaubriand, abriu-se espaço para inovar na imprensa brasileira. Esse contexto marcou a chegada da revista *Realidade* às bancas de jornais brasileiros. Para Edvaldo Pereira Lima, a revista *Realidade* foi a “mais significativa experiência estilística” que se teve no jornalismo brasileiro, muito pelo amadurecimento político, cultural e jornalístico que se tinha no Brasil. A revista do Grupo Abril foi lançada em abril de 1966 e foi um sucesso por dez anos, até sair de circulação em 1976.

A principal contribuição da *Realidade* para o cenário das grandes reportagens no país era a liberdade de pauta para os repórteres e a permissão de um aprofundamento grande nas reportagens, já que a circulação da revista era mensal, o que permitiu uma imersão dos repórteres e fotógrafos na história em que queriam contar (MORAIS, 2004). Essa liberdade gráfica, textual, temática e temporal, fez com que a revista *Realidade* se tornasse um sucesso no país, sendo um dos principais marcos do jornalismo brasileiro.

A consolidação das grandes reportagens nas revistas brasileiras não se deu apenas pelo impacto de *O Cruzeiro* e *Realidade*, outras revistas como a *Diretrizes* e a *Manchete* também contribuíram para a consolidação do gênero no país. Por terem sido as primeiras revistas a trabalharem com grandes reportagens em seus conteúdos, Faro (1999, p.80) destaca que as revistas *O Cruzeiro* e *Diretrizes* foram as principais responsáveis pela afirmação das reportagens extensas e detalhadas nas revistas brasileiras.

Todas essas publicações foram importantes para estabelecer o jornalismo no país por meio das reportagens, ainda que não fossem o suficiente para que estabelecessem desde já os livros-reportagem. Segundo Morais (2004), o fato de as revistas terem dificuldade para se aprofundar sobre um único tema, já que diversos assuntos poderiam ser encontrados numa mesma edição, era uma das características opostas às características de um livro-reportagem. A outra questão era a estrutura textual, que se baseava em uma reportagem-conto, o que por muitas

vezes não conseguia levar todos os detalhes e contextos necessários para que o leitor entendesse o tema.

Ainda que tenha essas falhas, sob a perspectiva do livro-reportagem, as matérias das revistas que citamos anteriormente contribuíram bastante para que o leitor brasileiro se acostumassem com um jornalismo aprofundado e detalhado.

“Evidentemente não se trata de negar o papel importante de uma publicação desta natureza. Tem a sua função: ocupa um patamar superior aos periódicos convencionais. E por seu caráter tanto mais extensivo no plano do aprofundamento de abordagem quanto mais refinado no plano da proposta estética, contribui para que a audiência se acostume a produções jornalísticas nessa linha, fazendo com que uma parcela se interesse em consumir livros-reportagem que ofereçam uma modalidade de informação mais densa.” (LIMA, 1995, p.176).

3.3. Novo jornalismo e os livros-reportagem nacionais contemporâneos

Na década de 1950, o lide jornalístico passou a ser utilizado de maneira objetiva nas redações americanas, o que deixava de lado o “nariz de cera” e fazia com que o texto fosse o mais factual e objetivo possível. Isso causou uma ruptura entre o texto jornalístico e o texto literário, o que não foi muito bem aceito por todos os jornalistas.

O assassinato da família Clutter, em Holcomb, cidade no interior do estado do Kansas, nos Estados Unidos, marcaria pouco tempo depois o início de uma nova era para a literatura e para o jornalismo, que apesar de já terem naquele momento os seus limites demarcados, constantemente se confundiam e bebiam da fonte um do outro.

O assassinato foi apurado, investigado e descrito minuciosamente por Truman Capote em seu livro *A Sangue Frio* (1965), um clássico romance americano. Para a produção do livro, Truman Capote usou técnicas clássicas do jornalismo como entrevistas, busca por registros e dados oficiais, reconstrução dos fatos e apuração do que ouvia sobre o trágico fato. *A Sangue Frio* foi um sucesso e serviu para consolidar o gênero de jornalismo literário e o livro-reportagem, que antes já haviam sido praticados por outros grandes escritores americanos como Gay Talese, Tom Wolfe e Norman Mailer. Segundo WOLFE (2005, p. 45), “foi uma sensação – e um baque terrível para todos os que esperavam que o maldito Novo Jornalismo ou Parajornalismo se esgotasse como uma moda.”

O sucesso de Truman Capote ainda conseguiu influenciar muito além da literatura. Em 1967, baseado no romance homônimo de Capote, o cineasta Richard Brooks transformou as páginas impressas de *A Sangue Frio* em fitas de cinema. O filme, ainda em preto e branco, foi

indicado ao *Oscar* em quatro categorias: melhor diretor, melhor roteiro adaptado, melhor fotografia e melhor trilha sonora. Além da telona, a inovação literária de *A Sangue Frio* foi parte fundamental do filme *Capote*, que representou a vida de Truman Capote, principalmente em sua fase de elaboração do livro. A película dirigida por Bennett Miller foi indicada a cinco categorias no Oscar de 2006 e venceu a categoria de melhor ator – com a interpretação de Truman Capote por Philip Seymour Hoffman.

Em seu livro *Radical chique e o novo jornalismo*, Tom Wolfe detalha como um repórter deveria trabalhar quando se encontra imerso numa situação onde é um observador e também um participante, assim como fez Truman Capote, ao retratar toda a dramática e violenta cena que tivera ocorrido no Kansas:

Consistia no registro dos gestos cotidianos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de móveis, vestuário, decoração, estilos de viagem, comida, cuidar da casa, modos de comportamento para com os filhos, os empregados, os superiores, os inferiores, os colegas, mais os vários olhares, poses, relances, estilos de caminhar e outros detalhes simbólicos que pudessem existir numa cena. Simbólicos de que? Simbólicos, no geral, no status de vida das pessoas, entendendo este termo no mais amplo senso do comportamento e das poses pelas quais as pessoas expressam sua posição no mundo ou o que elas pensam que seja essa posição ou o que gostariam que fosse. O registro de tais detalhes não é um mero ornamento em prosa. Está tão perto do centro do poder do realismo quanto qualquer outro recurso da literatura. (WOLFE, 2005, p. 26-27).

Com o surgimento do *new journalism*, a partir da década de 1960, as coisas mudaram para o livro-reportagem, que passou a se popularizar em todos os cantos do planeta, levando cada vez mais boas histórias com alto grau de aprofundamento para os leitores. Todo esse movimento global alcançaria também, é claro, o Brasil.

A década de 1990 foi importante para o surgimento e a consolidação de grandes livros-reportagem clássicos brasileiros, como o *Rota 66 (1992)*, de Caco Barcellos, e *Estação Carandiru (1999)*, de Drauzio Varella. Essas duas publicações foram importantíssimas para a história dos livros-reportagem no Brasil, sendo publicações consagradas pelo público e vencedoras do *Prêmio Jabuti* de literatura em suas categorias.

Com a virada do século, o livro-reportagem continuou a ser muito bem visto pelo público brasileiro e pelas editoras, além dos jornalistas, é claro. Diversas foram as publicações que surgiram de reportagens factuais em veículos de imprensa que se tornaram livros, como *O olho da rua (2008)*, de Eliane Brum. Outras grandes obras brasileiras do gênero na década de

2010 foram *Holocausto brasileiro* (2013), de Daniela Arbex, *Dias de Inferno na Síria* (2012), de Klester Cavalcanti, e *Prisioneiras* (2017), de Drauzio Varella.

3.4. O jornalismo esportivo no Brasil

A história do jornalismo esportivo no mundo tem pouco mais de 160 anos, segundo Fonseca (1997). Os primeiros registros de uma produção jornalística exclusiva sobre esporte datam de 1854 e se referem ao jornal francês *Le Sport*, que publicava crônicas informativas sobre turfe e caça, além de notas sobre canoagem, natação, pesca, boxe, bilhar e outros esportes. Antes de 1854, havia sim cobertura jornalística de alguns jogos esportivos, mas nada grandioso e nem muito detalhado, já que o foco dos jornais e revistas eram em outros assuntos. Os primeiros esportes a despertarem o interesse da imprensa esportiva eram aqueles praticados pela elite da sociedade, nas quais os jornalistas e os veículos de imprensa gostariam de ter maior contato.

No Brasil, o início da cobertura esportiva não foi diferente, ainda que tenha começado também em meados do Século XIX. O esporte brasileiro era veiculado em meio a notícias políticas, sociais e econômicas nas principais publicações do país. Não tinha nenhum espaço exclusivo.

Segundo Ribeiro (2007), o primeiro periódico exclusivo sobre esportes no país foi o jornal *O Atleta*, que começou a circular em 1856, levando dicas sobre aprimoramento físico aos leitores do Rio de Janeiro. Em seguida, o ano de 1885 marcou a chegada de *Sport* e *Sportsman*. No entanto, em nenhuma dessas publicações o futebol, que viria a se tornar o esporte mais popular do país tempos depois, era o foco, mas sim o remo, o ciclismo e o turfe.

Para Coelho (2020), àquela altura era impossível imaginar que um dia o futebol tomaria conta dos diários esportivos e também espaços consideráveis em jornais e revistas, até mesmo nas capas e manchetes.

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país à época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias - ou nos campos, nos ginásios, nas quadras - valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? (COELHO, 2020, p. 7-8)

O fortalecimento do futebol na Inglaterra no final do século XIX, motivado pela criação de uma copa nacional em 1871 e pela criação de um campeonato nacional em 1888, fez com

que o esporte fosse cada vez mais bem falado em solo britânico, tanto pela elite quanto pelas camadas mais baixas. Ao passo que a Inglaterra já tinha duas competições nacionais consolidadas, o Brasil ainda nem conhecia o futebol.

Charles Miller chegaria da Inglaterra apenas em 1894, trazendo em sua bagagem duas bolas usadas, um par de chuteiras, um livro com as regras do futebol, uma bomba de encher bolas e uniformes usados. O desembarque de Charles Miller em terras brasileiras marcaria talvez o principal produto importado pelo Brasil, em todos os tempos.

Como Charles era membro da elite social brasileira, o futebol no Brasil também teve início nas camadas mais altas da sociedade, tanto que a primeira partida a ser oficialmente noticiada em um grande jornal foi entre dois clubes sociais e esportivos expoentes da alta sociedade carioca. Em 1901, o jornal *Correio da Manhã* publicou em sua coluna sobre *sport* informações sobre a partida realizada entre o *Paysandu Cricket Club* e o *Rio Cricket and Athletic Association*, as únicas existentes no Rio de Janeiro até então (Ribeiro, 2007).

Com o passar do tempo, o futebol foi se popularizando cada vez mais entre todas as camadas da sociedade brasileira, principalmente a carioca, que a partir de 1923 viu negros e operários entrarem em campo e serem campeões do campeonato carioca pelo Vasco da Gama, clube da zona norte carioca. Para Paulo Vinícius Coelho (2008), aquela “era a popularização que faltava.”

A partir da década de 1930, o futebol já tinha sido adotado pelos brasileiros como seu principal esporte, já que clubes tradicionais do remo como o Botafogo Futebol e Regatas, o Club de Regatas Vasco da Gama e o Clube de Regatas do Flamengo passaram a atuar nos gramados do Rio de Janeiro levando multidões aos estádios da então capital federal. Com isso, em 1931 surgiu o *Jornal dos Sports*, periódico cor-de-rosa inspirado no jornal italiano *La Gazzetta dello Sport*. Em 1936, o *Jornal dos Sports* passou a ser chefiado por Mário Filho, renomado jornalista que foi um dos principais cronistas esportivos do país, que hoje dá nome ao principal estádio do país, o Maracanã. Outro periódico esportivo de destaque na primeira metade do século XX foi a *Gazeta Esportiva*, que a princípio era apenas um encarte do jornal *A Gazeta*, mas depois se tornou um periódico exclusivo ao esporte em 1947. Tanto a *Gazeta Esportiva* quanto o *Jornal dos Sports* tinham já como principal foco o futebol, deixando o remo e o turfe como esportes secundários na cobertura.

Segundo Paulo Vinicius Coelho (2020), “só no fim da década de 1960 os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais.”

De todo jeito, a partir da segunda metade dos anos 1960, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão.” (COELHO, 2003, p.10)

No entanto, se hoje muitos estudantes de jornalismo sonham em serem jornalistas esportivos pelo glamour que a profissão parece prover, à época era o contrário. Segundo Coelho (2020), dirigir uma redação esportiva era lutar contra um preconceito e uma difícil missão, já que quem geralmente lia sobre esportes e especificamente o futebol, era a camada mais pobre, com menor poder aquisitivo.

O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol - como os demais esportes - dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. (COELHO, 2020, p. 9)

Até a década de 1970, o jornalismo esportivo brasileiro impresso se manteve no mesmo estilo, baseado em crônicas que por muitas das vezes eram imprecisas e fantasiosas, ufanistas. Dentre os grandes nomes que participaram dessa fase do jornalismo esportivo brasileiro estava o irmão de Mário Filho, Nelson Rodrigues, o maior cronista esportivo brasileiro. A partir de 1970, o jornalismo esportivo começou a se basear na veracidade dos fatos e nos relatos secos, descrevendo exatamente o que acontecia, muito pelos avanços tecnológicos e televisivos. Isso fez com que os conteúdos esportivos começassem a ser mais explorados em notícias exclusivas ou em matérias mais bem detalhadas. Um dos principais expoentes desse tipo de jornalismo esportivo impresso é a revista *Placar*, fundada em 1970 com o objetivo de trabalhar com um público segmentado voltado para o futebol, trabalhando matérias exclusivas e perfis detalhados dos principais times, jogos e personalidades do futebol brasileiro.

3.4.1. A era do rádio

O rádio sempre foi o principal queridinho do torcedor brasileiro e é até os dias de hoje. Não são poucas as vezes que se vê torcedores com seu rádio de pilha colado ao ouvido mesmo dentro dos estádios para acompanhar as partidas. As transmissões de futebol pelo rádio no Brasil são um capítulo importante da história do jornalismo esportivo do país, uma vez que quem trabalha nas transmissões precisam informar sobre o principal momento do esporte: os 90 minutos de uma partida. Isso é o principal, na verdade, as rádios sempre trabalharam as partidas e confrontos em pré e pós-jogo.

O primeiro jogo de futebol transmitido sem interrupções por rádio no Brasil ocorreu no dia 19 de julho de 1931, pela *Rádio Educadora Paulista*. O narrador foi Nicolau Tuma, que contou a história da partida entre as seleções de São Paulo e do Paraná, no Campo da Floresta, na capital paulista. Mesmo com toda a importância, essa primeira transmissão por rádio não chegou a ser ouvida por todo o país, que só conseguiu acompanhar uma partida direto do rádio em 1938, na Copa do Mundo daquele ano. O responsável foi Leonardo Gagliano Neto, da Rádio Clube do Brasil do Rio de Janeiro. Para acompanhar a vitória da seleção Brasileira por 6 a 5 contra a Polônia, alto-falantes foram espalhados por várias praças em muitas cidades do território brasileiro. Se dava ali, o início de uma relação de amor, tensão e alegria ou tristeza, entre o rádio e o torcedor brasileiro.

Quem não tinha rádio em casa, se aglomerava no Largo do Paissandu em São Paulo ou diante da Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro. Por esse país afora, onde fosse viável, as pessoas se reuniam para não perder as transmissões ampliadas pelos alto-falantes que as emissoras espalharam em lugares estratégicos, inclusive os estádios de futebol: os fãs da pelota não queriam perder a façanha dos *footballers* patricios nos campos franceses. (ORTRIWANO, 2000).

3.4.2. A era da televisão

No dia 18 de setembro de 1950, foi inaugurada a primeira emissora de televisão do Brasil, a *TV Tupi*. Àquela altura, poucos brasileiros tinham aparelhos de TV, devido ao alto preço do produto. Segundo William (2002), a *TV Tupi* já transmitia algumas partidas de futebol alguns meses após a sua inauguração. No entanto, a capacidade de transmissão era reduzida geograficamente, atendendo apenas à cidade de São Paulo ou cidades próximas da capital paulista. Por conta disso, a primeira transmissão de um jogo de futebol ao vivo no Brasil ocorreu no dia 15 de outubro de 1950, no confronto entre Santos e Palmeiras, disputado no Pacaembu.

Anos depois, a *TV Tupi* ganhou concorrência na transmissão das partidas esportivas. Em 1952, a *TV Paulista* passou a ser uma das concorrentes da primeira emissora de televisão do país. A partir de 1954, a *Record* inseriu em sua grade o programa esportivo *Mesa Redonda*, que também transmitia partidas ao vivo. A *Record* foi uma das grandes emissoras esportivas do período, tanto que foi a primeira a conseguir transmitir uma partida interestadual. No dia 1º de julho de 1956, a *Record* e a *TV Rio* entraram em cadeia conjunta e transmitiram ao vivo a partida amistosa entre Brasil e Itália no Maracanã (William, 2002).

“Essa proeza da Record impulsionou definitivamente a venda de televisores. A população começou a achar alguma vantagem em comprar aqueles aparelhos, que ainda eram novidade” (William, 2002, p. 37)

Até o fim da década de 1960, o povo brasileiro só conseguia ver jogos da seleção brasileira nas Copas do Mundo em videoteipes, que eram disponibilizados nos cinemas do país dias após o jogo. Para acompanhar as partidas ao vivo, a única alternativa era a rádio. Foi somente na Copa do Mundo de 1970, justamente a que o Brasil se tornou tricampeão do mundo, que os brasileiros puderam acompanhar uma Copa ao vivo e em cores, graças a um forte investimento por parte do governo militar para que o país pudesse receber o sinal via satélite.

A partir de então, a televisão brasileira foi tomando forma e crescendo em proporções arrasadoras, principalmente com o crescimento da Rede Globo, uma das maiores emissoras de televisão do planeta. Junto com esse crescimento tecnológico das emissoras de TV do Brasil, o esporte, principalmente o futebol, se tornava cada vez mais importante e rentável para as emissoras, que começaram a vender cotas para patrocinadores.

A principal grande mudança se deu na década de 1990, com a chegada dos canais de TV a cabo segmentados para o público esportivo, principalmente para os amantes de futebol. Essa história começou exatamente em 1991, quando a *Globosat* e a *TVA colocaram suas programações no ar* (COELHO, 2020). Em 1992, foi criado o *SporTV*, o canal de esportes da *Globosat*, que contava com diversos profissionais renomados do jornalismo e da tecnologia da informação, necessária para que a emissora funcionasse sem problemas. A *TVA Esportes* só foi ao ar em 1993 e logo em 1995, a emissora mudou seu nome para *ESPN Brasil*, por conta de uma sociedade entre o *Grupo Disney* e o *Grupo Abril*, que era dono da *TVA* (COELHO, 2008). No início, *TVA/ESPN Brasil* e *SporTV* batalhavam pelos mesmos direitos de transmissão, focado no mercado nacional. Com o tempo, cada emissora tomou um rumo diferente. A *ESPN* preferiu optar por eventos internacionais (*NBA*, *NFL*, *Premier League*, *Liga dos Campeões*) e o *SporTV* optou por se consolidar como o canal por assinatura do futebol nacional, até porque o canal *pay-per-view* do campeonato brasileiro — *Premiere* — também pertence à *Globosat*. No entanto, isso não significa que os canais não falem sobre os produtos e eventos que pertencem ao concorrente.

Vale salientar que, o início das transmissões esportivas regulares de futebol internacional no Brasil não se deu na *ESPN*, mas sim na *Band*. Durante a década de 1980 e 1990, a *Bandeirantes* se preocupou em transmitir o campeonato italiano, que era, à época, o principal campeonato do planeta, recheado de craques internacionais e nacionais, como Careca e Falcão. A *Globo* também chegou a mostrar uma temporada completa do campeonato italiano,

foi a edição de 1984-1985. Nos anos 90, a *TV Cultura* paulista também transmitiu um campeonato internacional: o campeonato alemão, que contava com os comentários do renomado jornalista Gerd Wenzel.

3.5. Uma breve introdução sobre o que é a *Premier League*

A década de 1980 foi um período sombrio para o futebol inglês. Além do futebol nem um pouco belo e das péssimas condições dos estádios, tragédias e episódios violentos por conta do hooliganismo marcaram aquela década.

Em 1985, logo duas. No dia 11 de maio daquele ano, apenas cinco minutos foram suficientes para que o estádio Valley Parade, do Bradford City, fosse completamente dominado pelo fogo. Enquanto a arquibancada de madeira ardia em chamas, diversos torcedores tentavam se salvar. Muitos não conseguiram. Os números finais foram 56 torcedores mortos e pelo menos 265 feridos. Outra tragédia envolvendo o futebol inglês, em 1985, foi a *tragédia de Heysel*, nome do estádio que receberia a final da Copa dos Campeões da Europa daquele ano, na Bélgica. A presença dos *hooligans* — torcedores de clubes ingleses que ficaram conhecidos por sua extrema violência e grandes brigas no entorno dos estádios — e a superlotação do estádio ocasionou cenas tristes para a história do futebol, protagonizadas por torcedores agredindo os rivais e até mesmo alambrado cedendo. O resultado final foram 39 pessoas mortas e mais de 600 feridas. O episódio fez com que os times ingleses fossem suspensos das competições europeias por um período de cinco anos.

No entanto, a gota d'água do modelo fracassado do futebol inglês daquela época só ocorreu no dia 15 de abril de 1989, quando diversos torcedores do Liverpool morreram esmagados e sufocados devido a uma mega superlotação no estádio de Hillsborough. À época, a imprensa, principalmente o tabloide *The Sun*, atribuiu a culpa do incidente aos torcedores do Liverpool, que na verdade eram vítimas dos erros cometidos pela polícia e pela organização da competição. A tragédia de Hillsborough foi a maior das tragédias do futebol inglês, tendo causado a morte de 96 torcedores e mais de 700 feridos.

Todas essas tragédias e principalmente a de Hillsborough, culminaram no *relatório Taylor*, um documento elaborado pelo juiz Peter Taylor, que ficou como o responsável por investigar a tragédia de Hillsborough. O relatório foi um choque de realidade sobre a péssima situação em que se encontrava o futebol inglês, como contam *Joshua Robinson* e *Jonathan Clegg* em seu livro *“A Liga: Como a Premier League se tornou o negócio mais rico e revolucionário do esporte mundial”*

“Mas no universo restrito do futebol, à medida que o choque e o luto passavam, surgia uma crise que abalou os negócios. O catalisador foi o juiz Peter Taylor, designado para conduzir uma investigação oficial sobre o desastre de Hillsborough. Suas conclusões, publicadas em janeiro de 1990, trouxeram à tona o estado lamentável do futebol britânico, desde a desordem das multidões até os estádios abandonados. Ele recomendou soluções para esses problemas, entre elas a remoção de alambrados, a redução dos setores em que se assistia ao jogo de pé e uma transição gradual para estádios com cadeiras.” (p. 39)

Depois do relatório Taylor e com diversas movimentações nos bastidores, envolvendo homens fortes do business do futebol inglês, em 1992 se deu o início da *Premier League*. Uma competição independente da federação inglesa de futebol (*Football Association*) e que buscava trabalhar melhor o seu produto para poder vendê-lo à preços maiores, tanto para patrocinadores quanto para que as emissoras de TV pudessem transmitir a competição. Em seu início, a *Premier League* continuava sem chamar muita atenção dos fãs de futebol ao redor do mundo, ainda que começasse a mostrar uma notória evolução comparada ao passado. No fim do século XX, com o heroico título do Manchester United sobre o Bayern de Munique na final da Liga dos Campeões da Europa, a *Premier League* começou a despontar como sensação. A partir de então, um ciclo vicioso se criou. Quanto mais interesse se tinha, mais dinheiro seria cobrado pelos direitos de transmissão da competição, com isso, os clubes receberiam cada vez mais dinheiro para se reforçarem e manterem estrelas em seu elenco, o que certamente iria atrair ainda mais interesse dos fãs de futebol em todo o planeta.

Em resumo, foi basicamente assim que a *Premier League* construiu seu império, se baseando em modelos de gestão já consagrados na *National Football League (NFL)*, a famosa liga norte-americana de futebol americano. Segundo (ROBINSON, CLEGG, 2020) a maior liga nacional de futebol do mundo é a *Premier League*, já que tem transmissões regulares para 185 dos 193 países reconhecidos pela Organização das Nações Unidas e audiência de quase 5 bilhões de pessoas a cada rodada. Além disso, nenhum campeonato movimenta mais dinheiro do que a *Premier League*, que desde a temporada 2015/2016 os clubes da liga gastam mais de 1 bilhão de libras na contratação de atletas. Isso dá uma folgada liderança à competição inglesa nesse quesito, quando comparada às outras ligas europeias.

No Brasil, a *Premier League* se fortaleceu a partir dos anos 2000, principalmente a partir de 2003, com as transmissões regulares da *ESPN Brasil*. Desde então, um tratamento especial tem sido dado à competição pelo canal do *Grupo Disney* que sempre manteve a *Premier League* sobre seus domínios, sendo atualmente a detentora dos direitos de transmissão da competição de maneira exclusiva. Ainda assim, a *Premier League* no Brasil também chegou a ser

transmitida em canais de TV aberta, como a *RedeTV!*, a *Band* e o *Esporte Interativo*. No entanto, as informações sobre a história da transmissão televisiva da competição inglesa no Brasil são escassas, por isso, o projeto *O football na minha TV: a história da Premier League na televisão brasileira* irá contar a história da *Premier League* nas telinhas brasileiras.

4. RELATÓRIO TÉCNICO

4.1. Pré-produção

O projeto de conclusão de curso *O football na minha TV: a história da Premier League na televisão brasileira* teve seu “pontapé inicial” no segundo semestre de 2020, em meio ao período emergencial remoto, oferecido pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Durante esse tempo, o livro-reportagem que vai contar a história das transmissões esportivas da *Premier League* em solo brasileiro começou a ser idealizado.

O primeiro passo foi fazer um recorte e definir melhor o tema do livro, o que foi pensado por mim e pelo professor orientador do projeto, Joaquim Sucena Lannes. Depois disso, começou a ser pensado um cronograma para a elaboração do presente artigo de memorial e para o aprofundamento com o tema do livro-reportagem. Dentro desse cronograma, prazos para leituras, pesquisa, apuração, execução e revisão foram definidos.

A principal dificuldade para a produção do livro foi a escassez de informações a respeito do tema. Para isso, uma lista de fontes que poderiam ser citadas ou não ao longo do livro foi elaborada, que podem ajudar a reconstruir a história da *Premier League* no Brasil, por meio de relatos e experiências próprias. Quase todos os entrevistados que estão presentes na lista são jornalistas, que atuam nas mais diversas funções como comentaristas, correspondentes internacionais, produtores, narradores e até mesmo chefes de redação. Diante disso, as entrevistas são parte crucial da produção do livro. Com isso, o início do contato com as possíveis fontes começou em janeiro de 2021, com o objetivo de começar o quanto antes o processo de entrevista e apuração daquilo que se encontra disponível, além do cruzamento dos relatos que me foram contados. As pesquisas bibliográficas já estavam sendo estudadas e analisadas desde 2020 e assim se seguiu durante todo o processo de produção do livro. Ainda que durante o período de entrevistas, entre fevereiro e março, a atenção foi mais voltada para as fontes e entrevistas realizadas.

Assim que todas as entrevistas e dados estiveram à minha disposição, — planejado para o fim do mês de março — se iniciou o processo de escrita do livro, que se baseou numa escrita jornalística de fácil entendimento, já que a ideia do livro é mostrar para qualquer um, mesmo quem for leigo no assunto futebol inglês, como um campeonato de futebol de outro país se tornou tão popular e importante para os brasileiros por conta de sua presença na TV. Além disso, uma ideia que surgiu foi a de levar os profissionais que participam da cobertura brasileira da *Premier League* e que nos concedeu entrevistas, para dentro do livro, com páginas dedicadas à relatos, memórias e experiências que esses profissionais tiveram com a competição inglesa.

Por conta de um calendário conturbado por conta da pandemia de Covid-19, no qual as aulas presenciais estão impedidas na Universidade Federal de Viçosa, inicialmente a ideia era que o livro estivesse finalizado com mínimo de 20 dias de antecedência, mas algumas adversidades impediram que esse prazo fosse atendido.

4.2. Produção

Este projeto experimental busca contar como a Premier League (o campeonato inglês de futebol que foi remodelado em 1992) se tornou uma gigante da indústria do entretenimento, da mídia e do esporte, chegando a alcançar centenas de países ao redor do planeta, inclusive o Brasil. Diante disso, o livro começa contando a história de como era a competição antes da reformulação de 1992, quando o futebol inglês não atraía olhares positivos de nenhum lugar.

Com uma sequência temporal linear, onde o tempo verbal dominante é o pretérito perfeito, o livro foi escrito majoritariamente em terceira pessoa do singular, com algumas modificações para que o autor entrasse no texto conjuntamente com o leitor, o que faz com que a primeira pessoa do singular ou do plural, apareça no texto em determinados momentos. Essa técnica permite a quem lê o produto, se enxergar como parte daquela história que está sendo contada, aumentando a imersão do leitor na obra literária. Além disso, para narrar determinados acontecimentos de maneira mais próxima, o pretérito imperfeito e o presente também são utilizados.

O livro é dividido em quatro partes maiores e gerais, com subpartes que entram em pontos mais específicos – muitas vezes episódios que se tornaram marcantes para os brasileiros - dentro de um tema mais geral.

A primeira parte conta como a Inglaterra era um país que principalmente durante as décadas de 1970 e 1980 conseguia ter tragédias, desastres e atos violentos constantemente relacionados ao futebol, muito por conta do hooliganismo, da péssima organização das autoridades e das más condições dos estádios do país. Ainda nessa primeira grande seção do livro, já é apontado o início das mudanças que viriam a ocorrer na década de 1990. Na segunda parte, a televisão aparece como a principal protagonista, tanto a TV inglesa quanto a brasileira. Há um evidenciamento do porque o futebol inglês não chamar atenção e quais eram as prioridades esportivas de televisão brasileira naquele momento. Ainda na parte II, é contada como a Premier League teve seu início e suas primeiras relações com o Brasil, seja na TV, com jogadores ou com torcedores. A parte III conta como a competição chegou no canal ESPN Brasil em 2003 e na TV aberta brasileira em 2004, dando início a uma interação fortíssima entre brasileiros, que depois se tornariam torcedores, e os times ingleses. É ainda nesse momento que

as entrevistas com os personagens da mídia esportiva brasileira que tem grande relação com a Premier League se mostram mais presentes, com relatos, memórias e experiências. Já a última parte do livro mostra a liga inglesa já consolidada para o mercado interno e externo, sendo um sucesso de audiência em todo o planeta e também no Brasil, o que fez com que os rumos da cobertura da competição aqui no Brasil mudassem e fossem ainda mais aprofundada e especial.

O texto conta com a presença de, majoritariamente, dois tempos verbais, usados para segmentar exatamente quando cada fato aconteceu. O tempo pretérito perfeito é usado para contar aquilo que já havia ocorrido e era um fato. O presente se refere a era contemporânea da competição – entre 2015 e 2021 – e também é utilizado em determinados momentos demarcados do livro, como recurso para dar suspense e incrementos numa narrativa especial, como o desenrolar de uma partida, por exemplo. Esse tempo permite transportar o leitor para um momento que já aconteceu, mas que pode ser revivido, contado por uma nova narrativa.

Além das entrevistas e histórias retiradas das referências bibliográficas (sites e vídeos do YouTube, por exemplo) presentes nas últimas páginas do livro, a obra também conversou com diversos personagens da mídia esportiva brasileira que trabalharam diretamente com a cobertura jornalística da Premier League na TV, especialmente desde 2003. Como principais nomes podemos abordar Paulo Andrade, narrador da competição nos canais ESPN Brasil desde 2003, Mário Marra, comentarista nos canais ESPN Brasil desde 2015, Renato Senise, correspondente na Inglaterra desde 2017, e João Castelo-Branco, brasileiro que ainda criança se mudou para a Inglaterra e é correspondente da ESPN Brasil por lá desde o início dos anos 2000.

Outros nomes importantes da cobertura jornalística da Premier League no Brasil não queriam ou não puderam conceder a entrevista, ainda que o contato tenha sido feito com todos os outros personagens julgados como vitais para esse processo de estabelecimento da competição na televisão brasileira e que seriam importantes para a produção do livro.

O fim do processo de escrita do livro se deu no dia 29 de abril de 2021, quando foi enviado para revisão ortográfica junto a uma graduanda no curso de Letras, também da Universidade Federal de Viçosa. Após essa revisão ser feita, o livro foi enviado para que o orientador professor Joaquim Lannes fizesse o seu acompanhamento final do trabalho, sugerindo alterações e mudanças, que foram atendidas e finalizadas no dia 04 de maio de 2021.

4.2.1. Listagem dos entrevistados, justificativas e datas das entrevistas

Entrevistado	Justificativa	Data
Alexandre Perin	Brasileiro que torce para o Manchester United	10/02/2021
Allan Simon	Jornalista que cobre os acontecimentos da mídia esportiva	04/02/2021
André Henning	Narrador da TNT Sports Brasil	23/03/2021
Daniel James Hutchinson	Inglês que mora no Brasil desde 2004	23/03/2021
Gabriel Vaquer	Jornalista que cobre televisão no Uol	23/03/2021
Fred Caldeira	Correspondente da TNT Sports Brasil na Inglaterra	29/03/2021
João Castelo-Branco	Correspondente da ESPN Brasil na Inglaterra	17/03/2021
Luísa Lopes	Estagiária de coordenação de transmissões dos canais esportivos do grupo Disney (ESPN Brasil e Fox Sports)	24/03/2021
Mário Marra	Comentarista dos canais esportivos do grupo Disney (ESPN Brasil e Fox Sports)	12/03/2021
Matheus Spadari	Coordenador de transmissão dos canais esportivos do grupo Disney (ESPN Brasil e Fox Sports)	23/03/2021
Paulo Andrade	Narrador dos canais esportivos do grupo Disney (ESPN Brasil e Fox Sports)	25/02/2021
Renato Senise	Comentarista e repórter do DAZN na Inglaterra	24/02/2021
Rodrigo Bueno	Comentarista dos canais esportivos do grupo Disney (ESPN Brasil e Fox Sports)	05/03/2021
Suh Duarte	Brasileira que torce para o Manchester City	14/04/2021
Vitor Sérgio Rodrigues	Comentarista da TNT Sports Brasil	04/03/2021

4.3.Pós-produção

Nesse momento foi concluída a produção do memorial, que já teve seu início durante a disciplina COM 390 – Trabalho de Conclusão I, ainda em 2020. Foram utilizados como referencial teórico os artigos de autores variados como Felipe Pena e os livros *Páginas Ampliadas* e *O que é livrereportagem?* de Edvaldo Pereira Lima, além do livro *A Liga: Como a Premier League se tornou o negócio mais rico e revolucionário do esporte mundial* de Jonathan Clegg e Joshua Robinson.

A revisão ortográfica foi feita por Melissa Rocha, estudante do 6º período do curso de Letras da Universidade Federal de Viçosa. Após revisões e correções, o produto foi finalmente enviado aos membros da banca examinadora no dia 07 de maio de 2020.

4.3.1. Descrição do produto

Número de páginas: 134

Formato: A4

Capa: Feita por Emanuel Vargas

Fonte utilizada: Lora, tamanho 12, espaçamento 1,5

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É depois de muita luta e dias tensos que chego a estas considerações finais. Fazer um trabalho de conclusão de curso durante a pandemia de coronavírus não foi nada fácil. Ainda que minha situação não fosse tão complicada, ou até mesmo precária, como diversas outras pessoas do país, o período de pandemia para mim, não foi fácil. Noites sem dormir e dias sem pensar que tudo iria se ajeitar – como que pensa nisso com essa situação vivida? Como lidar com a ânsia por um futuro que você não sabe nem quando chegaria?

O último ano da minha graduação foi totalmente diferente do que imaginei e foi realmente um choque. Das minhas dificuldades ao longo dos três anos de Viçosa, as entrevistas e a sociabilidade eram as principais e eu estava preparado para enfrenta-las de vez em 2020. Não aconteceu. Período contínuo de isolamento social, sem ver os colegas de faculdade e sem sair de casa para dar umas risadas. Foi e é, até o momento que escrevo essas considerações finais, um momento complicado. Sou um cara que sempre amou o universo da internet e sempre dependeu dele para no fim do dia ou da semana, ter uma alegria estampada no rosto. Seja com os antigos amigos da época do Orkut ou com os novos do Twitter. Mas durante a pandemia, o fato de tudo ser feito online me enjoou e de certa forma, até me reeducou, mostrando o quanto precisamos valorizar o instinto básico do ser humano: a essência do contato social.

Durante todo o processo de produção do livro, meus amigos foram fundamentais no apoio moral e também nos contatos. Graças a eles cheguei às fontes que um dia nunca imaginei entrevistar, afinal, além de fontes, são em maioria meus ídolos também. Pessoas que desde garoto acompanhava pela televisão, minha grande companheira também.

O período de produção do livro foi desafiador, mas muito importante. O processo de apuração nas páginas da internet existentes desde 2003, e ainda no ar, ou com os entrevistados, muito me fez evoluir como jornalista e também como pessoa. Foi um desafio e tanto apurar informações desconstruídas, que a partir de então passaram a ser parte da minha missão serem cruzadas e informadas dentro da obra literária.

O fato de o tema do livro ser recente e contemporâneo fez com que muitas coisas fossem lembradas e relatadas em resgates memoriais e relatos, um ponto extremamente positivo para o ineditismo do produto. No entanto, as poucas teses, dissertações, artigos e matérias sobre o assunto fizeram com que a pesquisa demorasse bastante a engrenar.

Considero que a produção desse projeto experimental me concedeu uma grande oportunidade de colocar todo o meu conhecimento adquirido não só durante a faculdade nas disciplinas de Narrativas Jornalísticas, Jornalismo Esportivo ou de Jornalismo Literário, mas

também aquilo que aprendi na internet e pude desenvolver com amigos em projetos jornalísticos paralelos á graduação.

Finalmente, chegar ao fim dessa conclusão de curso é também encerrar minha trajetória no curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, um local fundamental para a pesquisa e extensão dentro do curso. Eu, que nunca fui muito de ler, escolhi logo um livro para encerrar essa trajetória na UFV. E foi de propósito. Durante a construção do meu livro – jamais imaginei dizer isso, – me forcei a ler e descobri na literatura um bom lugar para passar tardes de sol escaldante ou noites de gelados ventos. Este livro-reportagem que escrevi não mostra apenas uma conclusão de curso, mas também uma parte daquilo que sou, do que gosto e do que acredito, sendo essas as principais marcas de que o livro, de fato, é de minha autoria. O tema não poderia ser outro, num momento de pandemia em que o futebol continuou sendo o meu melhor amigo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce et al. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 167-178.
- CLEGG, Jonathan; ROBINSON, Joshua. **A Liga: Como a Premier League se tornou o negócio mais rico e revolucionário do esporte mundial**. Rio de Janeiro: Versal Editores, set. 2020.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- FARO, J. S. **Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: Ed. Da ULBRA / AGE, 1999.
- FONSECA, O. **Esporte e Crônica Esportiva**. TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo**, São Paulo, CEPEUSP, 1997.
- GRISOLIO, Lilian. **Uma revista em guerra: a revista O Cruzeiro nos primeiros anos da guerra fria no Brasil**. Osis, Catalão-GO, v. 14, n. Especial, p. 476-494, jul./dez. 2014.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo, Unicamp, 1995.
- MORAIS, Gabriela Weber de. **Livro-reportagem: amalhando experiências para contar uma história**. Florianópolis: [S.n.], 2004.
- ORTRIWANO, G. S. **França 1938, III Copa do mundo. O rádio brasileiro estava lá**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. 2000. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ortriwano-gisela-copa1938.pdf> Acessado em: 26 nov. 2020.
- PEIXOTO, Níobe Abreu. **Crônicas efêmeras: João do Rio na Revista da semana**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Contracampo, Niterói, n. 17, p. 43-58, jan. 2007.
- RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo: história da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- SILVA, Silvana Louzada da. **Fotojornalismo em revista: o fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete nos governos Juscelino Kubitschek e João Goulart**. 2004. 196f. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Comunicação) - Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2004.

SOUSA, J. P. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf> Acessado em: 26 nov. 2020.

WILLIAM, W. 2002. **Olho no Lance: Silvio Luiz**. São Paulo, Nova Cultural, 320 p.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.